

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

**DISCURSO, SOCIEDADE E COGNIÇÃO:**  
*NOTAS SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS*

**DISCOURSE, SOCIETY AND COGNITION:**  
*NOTES ON SOCIAL REPRESENTATIONS*

**Lucineudo Machado Irineu<sup>1</sup>**

**Resumo:** este trabalho objetiva apresentar discussões acerca da relação existente entre discurso e cognição, e não obstante entre discurso, cognição e sociedade (VAN DIJK, 2002), na tentativa de evidenciar como as práticas discursivas cotidianas, fruto da interação verbal entre sujeitos empiricamente constituídos, podem ser reveladoras do processo de construção das representações advindas desses sujeitos, no afã de representar, e em consequência compreender, o outro envolvido no processo enunciativo. Trata ainda da projeção do discurso pretendido como fonte de esquemas mentais, ou seja, de arranjos cognitivos, sobre a vertente teórica proposta por van Dijk (2002, 2003). Além do mais, pretende-se discutir alguns conceitos relacionados ao macrotema disposto (discurso, cognição e sociedade) através da análise de uma situação de interlocução real escrita via discurso.

**Palavras-chave:** discurso, representações, sociedade.

**Abstract:** This paper aims at showing a discussion on the relation between discourse and cognition, that is to say, discourse, cognition and society (VAN DIJK, 2002), emphasizing quotidian discursive practices. Such practices emerge from a verbal interaction among subjects empirically constituted. They can reveal processes of representation constructions enounced by these subjects. Concerning the act of representing and its comprehension, an involvement of *other* in enunciative process projects an intended discourse as a source of mental schemes, *cognitive arrangements* according to van Dijk's theoretical framework (2002, 2003). Besides, some concepts, concerned to disposed macrotheme (discourse, cognition and society) will be discussed through an analysis of a written real interlocution, taken as a discursive process.

**Keywords:** discourse, representation, society.

**Resumen:** este trabajo objetiva presentar discusiones a cerca de la relación existente entre discurso y cognición, y no obstante entre discurso, cognición y sociedad (VAN DIJK, 2002), en la tentativa de evidenciar como las prácticas discursivas cotidianas, resultado de la interacción verbal entre sujetos empíricamente constituídos, pueden ser reveladora del proceso de construcción de las representaciones advenidas de estos sujetos, en el afán de representar, y en consecuencia comprender, el otro involucrado en

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), unidade curricular de Língua Espanhola, campus de Pau dos Ferros. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2008). Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [lucineudomachado@yahoo.com.br](mailto:lucineudomachado@yahoo.com.br)

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

el proceso enunciativo. Trata aún de la proyección del discurso pretendido como fuente de esquemas mentales, o sea, de organizaciones cognitivas, sobre la vertiente teórica propuesta por van Dijk (2002). Además, se pretende discutir algunos conceptos relacionados al macro tema dispuesto (discurso, cognición e sociedad) a través del análisis de una situación de interlocución real escrita vía discurso.

**Palabras-clave:** discurso, representaciones, sociedad.

## **Introdução**

Ao longo dos anos, têm-se tornado cada vez mais frequentes as discussões em torno às questões e problemáticas relativas às mais diversas ideologias que permeiam as práticas sociais diversas que, como sabemos, se constituem como a base dos eventos comunicativos em geral. Dessa forma, partiremos, para a tessitura das discussões aqui expostas, do conceito de ideologia de que se vale van Dijk (2002) em seus últimos estudos, baseados na tríade epistemológica discurso, sociedade e cognição, na medida em que acreditamos que tal enfoque é promissor na análise de eventos discursivos contemporâneos, tão mais complexos quanto plurais, principalmente no que se refere aos eventos comunicativos resultados da convergência de mídias do mundo virtual, onde a dispersão das informações, e das ideologias, por consequência, dá-se em condições não antes imaginadas, a exemplos dos populares sites de notícias na WEB.

Para van Dijk (2002, p. 43):

As ideologias, por definição, são sistemas gerais, compartilhados por grandes grupos ou culturas. Isso significa que devem ser adquiridas (aprendidas) e modificadas em contextos sociais, tais como escolas, veículos de comunicação de massa e interações diárias. Muitas vezes, a aprendizagem (das ideologias) não se dá apenas de forma intuitiva, isto é, por inferência do discurso e dos atos dos outros, mas são ensinadas explicitamente em livros, manuais, panfletos, etc., às vezes, inclusive, em forma de uma teoria científica (tal como o materialismo histórico).

O conceito expresso pelo teórico contempla principalmente a visão coletiva de legitimação das ideologias, por isso nos interessa diretamente entender a relação deste conceito com os fenômenos discursivos de interação verbal, para nós fenômenos construídos dentro da dinâmica social de grupo.

Van Dijk (2002) acrescenta que um dos meios para entender as ideologias de uma cultura é analisar seus discursos, ou seja, as práticas de linguagem que, expressas,

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

revelam as crenças, os valores de seus produtores (falantes ou redatores), uma vez que se acredita na ideia de que “a maior parte dos aspetos óbvios do discurso nos quais uma ideologia pode se manifestar está em seus conteúdos, o que poderia significar que uma análise semântica do discurso teria que produzir algo como ideologia subjacente” (VAN DIJK, 2002, p. 44).

É da concepção de análise discursiva das mais diversas ideologias manifestas que partiremos para as discussões expostas neste trabalho, com o objetivo de evidenciar as tomadas de posição ideológicas disseminadas na interlocução entre sujeitos empiricamente constituídos, entendidas por nós como reveladoras das crenças de que partem os sujeitos sobre o mundo e sobre os outros sujeitos que o compõem e com quem eles interagem diariamente, manifestando, deste modo, representações diversas, advindas de esquemas mentais expressos, evidenciados sobre forte aparato cognitivo.

### **Ideologias e crenças: um sistema?**

Os estudos propostos por Dijk no âmbito da tríade discurso, cognição e sociedade têm suscitado, ao longo dos anos, algumas questões necessárias para a perfeita compreensão da epistemologia da teoria do discurso para a qual se volta o autor, com ênfase nos estudos sobre cognição social e assuntos relacionados, como crenças, senso comum, representações, dentre outros.

Uma das questões que merece uma reflexão aprofundada, levando-se em conta o pensamento do autor, é a possível formação de um sistema de crenças consistentes a partir das mais diversas ideologias manifestas nas práticas sociais que fundamentam e alicerçam o convívio dos indivíduos em grupos, ou seja, em sociedade.

A esse respeito, van Dijk (2002) afirma que tal questão remonta à ciência política clássica e persiste até hoje na política atual, destacando que ainda se fala muito em inconsistência das ideologias haja vista a ausência de conclusões firmes sobre as estruturas ou conteúdos das ideologias, já que se trata de conteúdos que estabelecem relações com a cognição e com o discurso. São conteúdos de fato abstratos e ainda um tanto quanto obscuros, levando em consideração, por exemplo, a confusão que se dá entre expressões limitadas situacional e contextualmente, isto é, entre o uso das

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

ideologias e as ideologias de fato. Além do mais, neste tocante, destaquemos o fato de que uma só pessoa pode seguir mais de uma ou muitas ideologias diferentes, dependendo de seus distintos pertencimentos a grupos, o que não necessariamente invalida a concepção de ideologia como sistema de crenças.

Tal afirmação nos leva a concluir que as ideologias devem ser estudadas em todos os contextos e com diferentes membros de grupo, pois é necessário explicar como os sujeitos podem interpretar as distintas práticas sociais em termos do que habitualmente se denominam ideologias. De fato, sabe-se que as ideologias refletem “idealmente” os objetivos e interesses de um grupo, assim como já se sabe que há coerência quando esses interesses passam para um conjunto de crenças básicas compartilhadas dentro dos grupos sociais. Além disso, pode-se afirmar que a coerência de que estamos falando é uma condição de continuidade/reprodução das ideologias.

Deste modo, os sujeitos podem adaptar as representações compartilhadas às suas necessidades pessoais e às restrições contextuais. Assim, as variações e contradições na atuação ou expressão das ideologias são perfeitamente compatíveis, por isso as ideologias podem mudar em consequência de interesses sociais que permutam experiências cotidianas dos diversos membros dos grupos sociais.

Pensando de tal maneira, pergunta-se: deste modo, seriam as ideologias um modelo de organização mental consciente por parte dos indivíduos em geral? De que nível de consciência estamos falando, se assumimos entender as ideologias diversas como um aporte consciente de cognição? Para responder a tais questionamentos, parte-se do pressuposto de que, além da subjetividade da compreensão cotidiana de nosso contexto social, os modelos de experiência também explicam a noção de consciência. Estar consciente, então, significa que nos achamos a nós mesmos em nosso entorno. Neste tocante, é necessário enfatizar a abordagem cognitiva do discurso e das práticas ideológicas por ele geridas, uma vez que, de modo direto, tal abordagem implica também um olhar especial à questão da consciência<sup>2</sup>.

Assim, segundo Dijk, os sujeitos atuam na formação de ideologias “conscientemente”, reportando-se ao conceito de “falsa consciência” para referir-se às

---

<sup>2</sup> Em um estudo mais aprofundado sobre o tema, seria necessária uma discussão referente à ideia de “falsa consciência” proposta inicialmente nas investigações, ainda de cunho social, de Marx e Engels.

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

ideologias que não refletem os interesses sociopolíticos de um grupo. Deste modo, a explicação marxista sobre “falsa consciência” seria a de que a ideologia é a forma, no plano da consciência, que serve para mascarar a realidade e que se dá através de um processo consciente que pressupõe uma falsa consciência, desempenhando, diretamente, uma função de ilusão (VAN DIJK, 2003).

Deste modo, pode-se afirmar que a ideia de “ilusão”, no sentido que conhecemos hoje, expressa, de modo direto ou indireto, a ideia de distorção da realidade por um processo discursivo e cognitivo de inversão. Assim, o sucesso da vida real, por exemplo, desloca-se da base consensual para ser substituído pelo modo como os indivíduos se imaginam, representam-se e conseqüentemente como representam as coisas do mundo que os rodeiam. No mais das vezes, estas representações se dão através de processos de referenciação e (re) construção de objetos do discurso. Neste processo, os sujeitos acabam por representar os outros com quem interagem, através da formação de esquemas mentais e processos de categorização que tocam os processos de construção de identidades sociais (JODELET, 1991).

Deste modo, a consciência é considerada como um “estado da mente”, neste caso vista em detrimento do conjunto de crenças socialmente compartilhadas, como dito, resultado de processamentos mentais e expressas pelas práticas discursivas situadas de cada indivíduo. Ao falarmos de crenças, nosso enfoque se dá em direção ao enfoque sociocognitivo de abordagem deste componente mental que está indissociavelmente relacionado às ações dos sujeitos em sociedade.

Tal modo de organizar e compreender cognitivamente o mundo e os indivíduos que o compõem revela, em linhas gerais, o processo de representações sobre o qual se debruçaram em seus estudos Durkheim (1987) e mais recentemente Moscovici (1978) e teóricos subsequentes. Nesta perspectiva, para Van Dijk (2002), a tradução da expressão “representação social” compreende não somente as ideologias básicas do grupo, como também suas atitudes e conhecimentos. Trata-se, assim, de uma definição ampla que envolve sistemas de valores, de juízos e conhecimento, mas que podem apontar para muitos dos questionamentos acerca de como categorizamos o mundo e seus componentes, a partir de crenças socialmente partilhadas.

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

### **Representações sociais (RS): relações entre discurso e cognição**

Como dito, questões relacionadas ao objeto do presente estudo, ou seja, às representações, na relação discurso, cognição e sociedade, sempre existiram nos estudos da linguagem. Deste modo, afirmamos que nosso intento é entender tais questões com cientificidade e rigor de observação. De um modo geral, pode-se dizer que a ideia de representações sociais parte de um pressuposto epistemológico fundado na ideia de alteridade (“outridade”, em outras palavras), na medida em que se trata de uma teoria que volta para a tentativa de compreender o dialogismo que se estabelece no momento de interação verbal entre os atores sociais. Em síntese, interessa aos estudiosos da Teoria das Representações Sociais a relação entre o Eu e o Outro nas relações sociais, compreendendo estes elementos como sujeitos envolvidos no ato de enunciação, ou seja, na interação social, sendo este Eu enunciativo o indivíduo enunciador e o Outro, o coenunciador, em uma perspectiva crítica de estudos do discurso.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a alteridade que se pode vislumbrar durante o processo de interação entre os sujeitos do discurso (JODELET, 1991) envolve questões de ordem cognitiva e social, na medida em que, direta ou indiretamente, relaciona-se a temas, como subjetividade, dialogismo, polifonia, heterogeneidade, autoria, dentre outros.

Mediante a observação de eventos sociais cotidianos, mediados pela ação do discurso sobre os sujeitos em geral, pode-se afirmar que a construção da identidade se dá através das representações sociais constituídas (MOSCOVICI, 1978), validando a ideia de que, ao falarmos de representação, estamos tratando de processos discursivo-sociais relacionados à construção/desconstrução da identidade de si e do outro. Tais processos (construção/desconstrução de identidades) podem ser visualizados quando se toma como método a observação das estruturas do discurso, tais como as propostas por van Dijk (2002), como a polarização, podendo as referidas estruturas serem verificadas em eventos de linguagem os mais diversos, nas múltiplas esferas da atividade humana.

Sabe-se que, em se tratando de comunicação verbal, estabelece-se, a cada manobra de interação executada pelos sujeitos, uma espécie de “jogo” dialógico, no qual o contato com o Outro é sempre atravessado por tensões diversas, tensões essas

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

verificáveis pelos estereótipos e redimensionamentos de identidade criados por crenças e valores envolvidos em referida interação. Nesta dinâmica linguística, de língua e de linguagem, destacamos como fenômeno fundamental ao entendimento das representações sociais a capacidade de os sujeitos criarem, para si e para os outros, identidades sociais, geridas e constatadas em seu cotidiano, sempre com o objetivo de refletir o que pensam sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, do qual todos fazem parte, em busca de compreender os objetos que constituem o mundo ao nosso redor. Mas, afinal, o que entendemos por representações sociais?

### **Representações sociais: em busca de um conceito**

Moscovici (1978), em sua pesquisa introdutória sobre representações sociais, investigou as transformações dos pensamentos erudito e popular, focalizando a socialização da Psicanálise junto à população parisiense do final dos anos 50. Nesta investigação, o teórico contribuiu para o redimensionamento do conceito de senso comum, problematizando o espaço do popular como conhecimento válido, relativizando o conhecimento científico como o único legitimado ao longo da história da humanidade.

Na proposta de Moscovici (1985), em ampliação aos estudos de Durkheim (1987) a partir do conceito de representações coletivas, representações sociais passam a ser compreendidas/investigadas como meios de comunicação pelos quais se dão as interações sociais (e, em consequência, verbais) de um modo geral, na construção do conhecimento, a partir dos estudos em Psicologia Social.

A ampliação do emprego da expressão dá às RS características de um fenômeno social, linguístico e discursivo, e não somente um conceito (MOSCOVICI, 1985), haja vista o caráter dinâmico que lhes outorgou Moscovici (1978). Esta dinamicidade a que nos referimos está diretamente relacionada ao processo de “familiarização” das representações, cujo objetivo consiste em “tornar familiar o não-familiar” em um processo de estabilização do conhecimento.

A visão interdisciplinar da investigação em Psicologia Social, ao lançar ponte entre a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, contribuiu para a substituição, por Moscovici (1978), do termo “coletivo” por “social” na Teoria das Representações

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Sociais, na medida em que tais representações se caracterizam por ser um processo pelo qual são elaboradas diversas estruturas do conhecimento estabilizado. Moscovici (1978) aponta que é exatamente neste aspecto que a teoria se diferencia da Cognição Social, tal como era concebida à época, tendo como propósito a própria “familiarização” das ideias em contexto socialmente situado.

O sujeito em si passa a ter lugar de atenção e destaque na teoria, uma vez que ele (o sujeito), no arcabouço epistemológico da Teoria das Representações Sociais, adquire uma capacidade de definição através de uma função identitária que apresenta enquanto integrante de determinados grupos sociais. E este caráter funcionalmente identitário das representações foi sempre levado em conta nos mais diversos “ensaios conceituais” que empreenderam estudiosos da área ao longo dos anos com o objetivo de analisar este complexo fenômeno da configuração humana e social.

Apesar de o próprio Moscovici (1978) ter dedicado muitos anos de sua pesquisa a evidenciar a complexidade de se tentar conceituar este fenômeno, muitos estudiosos, e até mesmo Moscovici (1978), empreenderam em alguns ensaios que apontaram para um possível modo não de definir, mas de traçar características que sinalizassem para a configuração de um quadro que situasse este fenômeno entre os de caráter social, mais definido na história das Ciências Sociais e dos estudos linguísticos contemporâneos, em destaque entre os que tomam o discurso como objeto de análise.

Neste contexto, Moscovici (1978, p. 21) define que uma representação social identifica-se como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Através das palavras de Moscovici (1978) é possível depreender alguns dos processos pelos quais os indivíduos representam as coisas do mundo: a nomeação e a classificação, com destaque para o aspecto comunicativo de que trata o autor ao se referir a tais processos. O sistema de crenças, valores, ideias e práticas em que consistem as representações sociais coaduna-se com a perspectiva discursiva de

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

abordagem das representações sociais, tal como nos propomos, uma vez que a linguagem se manifesta como instrumento das mais diversas ideologias residentes no mais inconsciente nível de nossas mentes e que podem se manifestar através de marcas deixadas pelos sujeitos em seus discursos (VAN DIJK, 2002).

A partir da base epistemológica fundada por Moscovici (1978), em seu estudo sobre representações sociais e Psicanálise, outros estudiosos se dedicaram ao redimensionamento destes estudos a partir de novas perspectivas. Em destaque, os trabalhos de Denise Jodelet (1991), Jean-Claude Abric (1994) e Willem Doise (2001) configuram-se como novos momentos da teoria no que diz respeito a bases hermenêuticas e a procedimentos metodológicos. A esses teóricos correspondem, respectivamente, as perspectivas dimensional, genética e psicossociológica de investigação das representações sociais, discutidas largamente nos estudos mais recentes sobre representações sociais. A seguir, contemplaremos um dos referidos teóricos, por acreditarmos ser o conceito tratado um dos mais próximos do pensamento moscoviciano, fundador da teoria em debate.

Como representante mais direta do pensamento moscoviciano, Denise Jodelet (1991), em sua pesquisa sobre as representações sociais sobre a loucura, deu continuidades aos estudos anteriores a partir de uma abordagem dimensional do fenômeno representacional. Esta abordagem investiga a gênese, a história das representações sociais construídas pelos sujeitos em interação, com o objetivo de compreender os processos pelos quais passa uma representação rumo a sua formação no campo representacional em diversas dimensões.

A perspectiva através da qual Jodelet (1991) investiga as representações sociais como um saber compartilhado objetiva compreender de que modo as dimensões de uma representação podem ser investigadas desde alguns procedimentos metodológicos de tratamento dos dados pesquisados, como a análise do conteúdo. Neste procedimento, pesquisas em profundidade, em sua versão dirigida, são elencadas como técnicas de coleta de material. Esta técnica, privilegiada por Jodelet (1991), também foi amplamente difundida pelos estudiosos subsequentes, a exemplo de Abric (1994) e Flament (2001), na investigação estruturalista sobre o fenômeno representacional.

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Na visão da autora, faz-se necessário entender, ao invés de dicotomizar, como o pensamento individual se enraíza no social, levando em conta as condições de produção e os contextos de enunciação em uma relação mútua. Assim, representações sociais, no dizer de Denise Jodelet (1991, p. 34), podem ser caracterizadas como:

Fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder depreender os múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais.

É através da compreensão dos “múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais” que Jodelet (1991) sistematiza a teoria em sua versão primeira proposta por Moscovici (1978), dando-lhe, segundo Sá (1998), uma “feição mais objetiva”.

Como “fenômenos complexos”, sobre os quais está posta a necessidade de uma investigação criteriosa para se compreender os “diferentes aspectos”, ou seja, as diferentes dimensões de uma representação social, estes construtos ideológicos são muito bem situados pela pesquisadora como “sistemas de pensamento” que não só “sustentam as práticas sociais”, mas que se constituem nestas práticas.

Posterior a Jodelet (1991), os estudos de Abric (1994), ao lado das investigações de Flament (2001), reforçaram a ideia de que as representações sociais são de fato objetos salientes do ponto de vista da sociocognição e que podem ser investigados com relação a seus elementos divididos em núcleos (Teoria do Núcleo Central). Em síntese, acreditamos que as mais diversas vertentes de estudos das representações caracterizam a Teoria das Representações Sociais como uma seara promissora de investigações de eventos sociais a serem investigados à luz dos estudos discursivos, em especial os estudos críticos do discurso.

### **Breve análise de um evento discursivo**

Feitas as devidas considerações a respeito da relação entre representações, discurso e cognição, ainda que de modo objetivo, e sobre as ideias de van Dijk (1998) a este respeito, com base na tríade conceitual discurso, sociedade e cognição, em diálogo

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

com a proposta teórica de estudo das representações sociais a partir dos postulados de Moscovici (1985) e autores subsequentes, partiremos para uma análise geral e introdutória de um evento comunicativo real e situado. Como dito, a escolha por este tipo de material de análise se deu por questões epistemológicas, uma vez que o fenômeno que aqui nos interessa compreender, a construção de representações sociais, é visível nas interações verbais cotidianas concretizadas em textos das múltiplas esferas da atividade humana, entre elas o jornalismo.

O texto a seguir, sobre o qual nos debruçaremos para a realização de algumas considerações analíticas, foi coletado da edição de 23 de junho de 2010 de uma das inúmeras seções da Revista Veja, periódico de circulação nacional e de grande acesso popular, que objetiva atingir os mais diversos públicos pelas temáticas variadas que aborda. Trata-se de uma matéria jornalística intitulada “Com um método já aplicado em países de bom ensino, o Brasil começa a investigar o dia a dia nas escolas”, que tematiza um dos mais polêmicos assuntos de interesse social: a educação, no afã de expor como se dá o aproveitamento do tempo real de aula, pelo professor, em comparação à realidade de outros países. Trata-se de um tema polêmico que tem mobilizado posicionamentos os mais diversos sempre que retratado nos meios de comunicação de massa brasileiros.

Nosso objetivo, com tal texto, é analisar de que maneira são construídas algumas representações dispostas no discurso que aqui se manifesta, entendendo tais representações como produto de um processamento cognitivo intencional, mas não necessariamente consciente, que tende a apontar para o processo de construção/desconstrução de identidades sociais, que se constroem e se reproduzem no e pelo discurso cotidiano.

Ressaltemos que em nossa análise, mesmo que breve, não nos deteremos na discussão de questões formais e/ou temáticas de modo aprofundado, uma vez que objetivamos nos reportar somente ao enfoque que nos interessa neste momento: o processo de construção das representações sociais em situações reais de interação verbal, a partir da análise de um evento discursivo cotidiano da esfera jornalística brasileira.

#### **TEXTO 1 (MATÉRIA DA REVISTA VEJA):**

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

### **Aula cronometrada - 23/06/2010**

Com um método já aplicado em países de bom ensino, o Brasil começa a investigar o dia a dia nas escolas

As avaliações oficiais para medir o nível do ensino no Brasil têm se prestado bem ao propósito de lançar luz sobre os grandes problemas da educação – mas não fornecem resposta a uma questão básica, que se faz necessária diante da sucessão de resultados tão ruins: por que, afinal, as aulas não funcionam? Muito já se fala disso com base em impressões e teoria, mas só agora o dia a dia de escolas brasileiras começa a ser descortinado por meio de um rigoroso método científico, tal como ocorre em países de melhor ensino. Munidos de cronômetros, os especialistas se plantam no fundo da sala não apenas para observar, mas também para registrar, sistematicamente, como o tempo de aula é despendido. Tais profissionais, em geral das próprias redes de ensino, já percorreram 400 escolas públicas no país, entre Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em Minas, primeiro estado a adotar o método, em 2009, os cronômetros expuseram um fato espantoso: com aulas monótonas baseadas na velha lousa, um terço do tempo se esvai com a indisciplina e a desatenção dos alunos. Equivale a 56 dias inteiros perdidos num só ano letivo.

Já está provado que a investigação contínua sobre o que acontece na sala de aula guarda relação direta com o progresso acadêmico. Ocorre, antes de tudo, porque tal acompanhamento permite mapear as boas práticas, nas quais os professores devem se mirar – e ainda escancara os problemas sob uma ótica bastante realista. Resume a especialista Maria Helena Guimarães: “Monitorar a sala de aula é um avanço, à medida que ajuda a entender, na minúcia, as razões para a ineficácia”. Não é de hoje que países da OCDE (organização que reúne os mais ricos) investem nessas incursões à escola. Os americanos chegam a filmar as aulas. O material é até submetido aos professores, que são confrontados com suas falhas e insucessos. Das visitas que fez a escolas nos Estados Unidos, o pedagogo Doug Lemov depreendeu algo que a breve experiência brasileira já sinaliza: “Os professores perdem tempo demais com assuntos irrelevantes e se revelam incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital”.

Numa manifestação de flagrante corporativismo, os professores brasileiros chegaram a se insurgir contra a presença dos avaliadores dentro da sala de aula. Em Pernambuco, o sindicato rotulou a prática de “patrulhamento” e “repressão”. Note-se que são os próprios professores que preferem passar ao largo daquilo que a experiência – e agora as pesquisas – prova ser crucial: conhecer a fundo a sala de aula. Treinados pelo Banco Mundial, os técnicos já se puseram a colher informações valiosas. Afirma a secretária de educação do Rio de Janeiro, Claudia Costin: “Pode-se dizer que o cruzamento das avaliações oficiais com um panorama tão detalhado da sala de aula revelará nossas fragilidades como nunca antes”. Nesse sentido, os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino.

([www.educablog.blogspot.br/carta](http://www.educablog.blogspot.br/carta). Acessado em: 03.12.2014)

Ao longo de todo o texto, predomina um discurso reacionário, marcado por um tom de crítica, ao passo em que se disseminam crenças ideológicas de que o problema

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

da educação em nosso país estaria diretamente associado ao desempenho dos professores em atuação, em maior escala, e ao comportamento dos alunos em sala de aula e à indisciplina, em menor escala. Tais profissionais, como se pode vislumbrar no discurso de quem enuncia esse texto, representam toda a classe e se responsabilizam pelo “insucesso escolar”. Com o objetivo de discutir a questão das representações emergentes dos textos, analisaremos a resposta de uma leitora que, indignada com a publicação de referido texto, resolveu se posicionar através da seção “Opinião” da Revista Veja, através de uma carta de leitor. Nela, a denominada “professora do Estado do Paraná” interage no processo argumentativo em busca da defesa de sua classe. Este dialogismo, travado entre a professora e a Revista Veja, revela manobras discursivas que sinalizam para o fenômeno que desejamos estudar.

## **TEXTO 2 (TEXTO-RESPOSTA):**

### **RESPOSTA À REVISTA VEJA**

Sou professora do Estado do Paraná e fiquei indignada com a reportagem da jornalista Roberta de Abreu Lima “Aula Cronometrada”. É com grande pesar que vejo quão distante estão seus argumentos sobre as causas do mau desempenho escolar com as VERDADEIRAS razões que geram este panorama desalentador. Não há necessidade de cronômetros, nem de especialistas para diagnosticar as falhas da educação. Há necessidade de todos os que pensam que: “os professores é que são incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital”. Que alunos são esses “repletos de estímulos” que muitas vezes não têm o que comer em suas casas, quanto mais inseridos na era digital? Em que pais de famílias oriundas da pobreza trabalham tanto que não têm como acompanhar os filhos em suas atividades escolares, e pior em orientá-los para a vida? Isso sem falar nas famílias impregnadas pelas drogas e destruídas pela ignorância e violência, causas essas que infelizmente são trazidas para dentro da maioria das escolas brasileiras.

Está na hora dos professores se rebelarem contra as acusações que lhes são impostas. Problemas da sociedade deverão ser resolvidos pela sociedade e não somente pela escola. Não gosto de comparar épocas, mas, quando penso na minha infância, onde pai e mãe, tios e avós estavam presentes e onde era inadmissível faltar com o respeito aos mais velhos, quanto mais aos professores e não cumprir as obrigações, fossem escolares ou simplesmente caseiras, faço comparações com os alunos de hoje “repletos de estímulos”. Estímulos de quê? De passar o dia na rua, não fazer as tarefas, ficar em frente ao computador, alguns até altas horas da noite, (quando o têm), brincando no Orkut, ou o que é ainda pior: envolvidos nas drogas. Sem disciplina, seguem perdidos na vida. Realmente, nada está bom. Porque o que essas crianças e jovens procuram é amor, atenção, orientação e disciplina. Rememorando, o que tínhamos nós, os mais velhos, há uns anos atrás de estímulos? Simplesmente: responsabilidade, esperança,

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

alegria. Esperança de que, se estudássemos, teríamos uma profissão, seríamos realizados na vida. Hoje os jovens constatarem que se venderem drogas vão ganhar mais. Para quê o estudo? Por que numa época com tantos estímulos não vemos olhos brilhantes nos jovens? Quem, dos mais velhos, não lembra a emoção de somente brincar com os amigos, de ir aos piqueniques, subir em árvores?

E, nas aulas, havia respeito, amor pela pátria. Cantávamos o hino nacional diariamente, tínhamos aulas “chatas” só na lousa e sabíamos ler, escrever e fazer contas com fluência. Se não soubéssemos não iríamos para a 5ª. Série. Precisávamos passar pelo terrível, mas eficiente, exame de admissão. E tínhamos motivação para isso. Hoje, professores “incapazes” dão aulas na lousa, levam filmes, trabalham com tecnologia, trazem livros de literatura juvenil para leitura em sala-de-aula (o que às vezes resulta em uma revolução), levam alunos à biblioteca e a outros locais educativos (benza, Deus, só os mais corajosos!) e, algumas escolas públicas onde a renda dos pais comporta, até a passeios interessantes, planejados minuciosamente, como ir ao Beto Carrero. E, mesmo assim, a indisciplina está presente, nada está bom. Além disso, esses mesmos professores “incapazes” elaboram atividades escolares como provas, planejamentos, correções nos fins-de-semana, tudo sem remuneração;

Todos os profissionais têm direito a um intervalo que não é cronometrado quando estão cansados. Professores têm 10 minutos de intervalo, quando têm de escolher entre ir ao banheiro ou tomar às pressas o cafezinho. Todos os profissionais têm direito ao vale alimentação, professor tem que se sujeitar a um lanchinho, pago do próprio bolso, mesmo que trabalhe 40 horas semanais. E a saúde? É a única profissão que conheço que embora apresente atestado médico tem que repor as aulas. Plano de saúde? Muito precário. Há de se pensar, então, que são bem remunerados... Mera ilusão! Por isso, cada vez vemos menos profissionais nessa área, só permanecem os que realmente gostam de ensinar, os que estão aposentando-se e estão perplexos com as mudanças havidas no ensino nos últimos tempos e os que aguardam uma chance de “cair fora”. Todos devem ter vocação para Madre Teresa de Calcutá, porque por mais que esforcem-se em ministrar boas aulas, ainda ouvem alunos chamá-los de “vaca”, “puta”, “gordos”, “velhos” entre outras coisas. Como isso é motivante e temos ainda que ter forças para motivar. Mas, ainda não é tão grave. Temos notícias, dia-a-dia, até de agressões a professores por alunos. Futuramente, esses mesmos alunos talvez agridam seus pais e familiares.

Lembro de um artigo lido, na revista *Veja*, de Cláudio de Moura Castro, que dizia que um país sucumbe quando o grau de incivilidade de seus cidadãos ultrapassa certo limite. E acho que esse grau já ultrapassou. Chega de passar alunos que não merecem. Assim, nunca vão saber por que devem estudar e comportar-se na sala de aula; se passam sem estudar mesmo, diante de tantas chances, e com indisciplina... E isso é um crime! Vão passando série após série, e não sabem escrever nem fazer contas simples. Depois a sociedade os exclui, porque não passa a mão na cabeça. Ela é cruel e eles já são adultos. Por que os alunos do Japão estudam? Por que há cronômetros? Os professores são mais capacitados? Talvez, mas o mais importante é porque há disciplina. E é isso que precisamos e não de cronômetros. Lembrando: o professor estadual só percorre sua íngreme carreira mediante cursos, capacitações que são realizadas, preferencialmente aos sábados. Portanto, a grande maioria dos professores está constantemente estudando e aprimorando-se. Em vez de cronômetros, precisamos de carteiras escolares, livros, materiais, quadras-esportivas cobertas (um luxo para a

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

grande maioria de nossas escolas), e de lousas, sim, em melhores condições e em maior quantidade. Existem muitos colégios nesse Brasil afora que nem cadeiras possuem para os alunos sentarem. E é essa a nossa realidade! E, precisamos, também, urgentemente de educação para que tudo que for fornecido ao aluno não seja destruído por ele mesmo. Em plena era digital, os professores ainda são obrigados a preencher os tais livros de chamada, à mão: sem erros, nem borrões (ô, coisa arcaica!), e ainda assim se ouve falar em cronômetros. Francamente!!! Passou da hora de todos abrirem os olhos e fazerem algo para evitar uma calamidade no país, futuramente. Os professores não são culpados de uma sociedade incivilizada e de banditismo, e finalmente, se os professores até agora não responderam a todas as acusações de serem despreparados e “incapazes” de prender a atenção do aluno com aulas motivadoras é porque não tiveram TEMPO. Responder a essa reportagem custou-me metade do meu domingo, e duas turmas sem as provas corrigidas.

([www.educablog.blogspot.br/cartaresposta.asp](http://www.educablog.blogspot.br/cartaresposta.asp). Acessado em: 03.12.2014)

A tentativa de compreender o mundo é, de fato, evidenciadora do modo como cada sujeito se representa e representa o outro por meio da linguagem. No texto da Revista Veja, por exemplo, a enunciação se dá partindo de uma profissional, a jornalista, distante do contexto de sala de aula, que parte do relato de métodos científicos para tirar conclusões sobre o objeto de pesquisa que lhe é de interesse: a prática escolar brasileira e o insucesso escolar, tema geral que se pretende discutir.

Em um complexo jogo de linguagem, no qual a imparcialidade se manifesta de maneira mínima ao longo da realização do discurso, a jornalista investe em um processo de representação social e ideológica do profissional professor, recorrendo a estereótipos validados em falsas crenças que a profissional enuncia a partir de um discurso de autoridade, que seu posto como profissional da comunicação lhe concerne.

Deste modo, à medida que compara os profissionais da educação brasileira aos profissionais de outros países, desqualifica os primeiros, em um jogo de implícitos e subentendidos, por nós entendidos como processos constitutivos da argumentação e da retórica típicas deste tipo de texto. Ressalte-se que, ao longo do texto, a jornalista investe em falácias e inverdades do ponto de vista social que contribuem para a construção identitária e para a criação da representação social dos professores como os responsáveis pelo insucesso escolar.

Os estereótipos culturais que são construídos na matéria em análise acabam por corroborar, discursivamente, para a construção da representação do profissional professor como o responsável pelo fracasso dos alunos brasileiros, no que se refere ao

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

desempenho que se deve alcançar em um processo de aprendizagem, para que se chegue à construção do conhecimento. Ao referir-se à “manifestação de flagrante corporativismo”, a matéria em análise parte de uma escolha lexical reveladora da representação que se deseja construir a respeito dos professores brasileiros: uma classe de trabalhadores com postura reacionária, incapazes de perceber os “benefícios” que uma avaliação como a projetada pode trazer para a avaliação de sua prática laboral.

Ao afirmar que “os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino”, lança-se no texto a premissa de que o Brasil está imerso em um ensino ruim, cujas práticas não levam os alunos a lograrem êxito em seus objetivos. Por extensão, representam-se os professores como os grandes responsáveis por tal situação, o que acaba por distorcer toda uma conjectura de séculos que explica os motivos pelos quais, no Brasil, nos constituímos como um país rico, mas com números que refletem uma educação de baixíssima qualidade, de um modo geral.

Tecidas tais considerações, daremos ênfase, a partir de agora, ao discurso proposto como resposta pela professora da escola pública que, indignada, investe em estratégias discursivas de natureza argumentativa para fundamentar seu texto e defender seu ponto de vista, tentando descaracterizar a imagem construída na fala da jornalista a respeito da categoria dos professores enquanto profissionais da educação.

Ao longo de todo o texto, a professora do Paraná faz uso de ironias para desconstruir o discurso da Revista Veja e fazer emergir a verdadeira representação social que ela defende: amparando-se em traços patrióticos, a docente busca construir a representação de professores como profissionais que são vítimas de uma crescente desvalorização social ao longo da história nacional. A construção imagética da rotina desse profissional é evocada no discurso da professora, com o objetivo de representar todos os professores do país como sofridos, mas dedicados ao seu fazer diário, envolvidos em condições de trabalho inaceitáveis para a realidade de um país em desenvolvimento crescente, em todas as áreas, como é o caso do Brasil.

Os vários questionamentos, enquanto índices linguísticos retóricos, são visíveis na fala da professora e revelam uma polifonia presente no texto, o que tende a reforçar a representação que se quer construir do profissional professor, constantemente criticados por todos. E, à medida que recorre aos adjetivos de baixo calão citados como de autoria

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

dos alunos, cria-se uma imagem identitária de sofrimento não só dos professores, ao passo em que se constrói a imagem de um professor depreciado por quem mais deveria valorizá-lo. Trata-se de um jogo de linguagem mais recorrente do que o que muitos estudos conseguiram evidenciar ao longo da história das investigações científicas sobre representações sociais.

Ao afirmar que “está na hora dos professores se rebelarem contra as acusações que lhes são impostas.”, já que “problemas da sociedade deverão ser resolvidos pela sociedade e não somente pela escola”, a professora possibilita entrever em seu discurso a representação da classe docente como a que, durante anos, foi subjugada pela sociedade brasileira como a responsável por dar conta dos problemas de educação em um âmbito mais amplo, de interesse de todos que a compõem (pais, professores, alunos, governantes etc..). Neste tocante os professores são representados como “os que realmente gostam de ensinar, os que estão aposentando-se e estão perplexos com as mudanças havidas no ensino nos últimos tempos e os que aguardam uma chance de ‘cair fora’”. São estes os professores brasileiros, os mesmos representados na matéria de Veja como os responsáveis por todo o insucesso da educação brasileira nos dias de hoje, em comparação com a realidade de países do dito primeiro mundo.

Neste dialogismo, Veja e a docente que a responde protagonizam um evento de linguagem revelador do modo como, pela linguagem, construímos nossas representações, a fim de compreender o mundo, os seres que o integram e os objetos representacionais que o envolvem. Afirmamos que muitos outros objetos de representação presentes nos dois textos mostram-se como reveladores dos fenômenos discursivos que se estabelecem nas relações sociais, constituindo-se, assim, em promissores materiais de análise para pesquisa sobre representações sociais em interface com os estudos do discurso.

### **Considerações finais**

O processo enunciativo que integra a argumentação dos dois sujeitos autores dos textos analisados revela o quão produtiva pode ser a investigação de práticas ideológicas em situações reais de interação verbal, o que revela que, de fato, as ideologias são

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

crenças compartilhadas presentes em nosso inconsciente, inculcadas pelas práticas sociais e que se constroem e se reproduzem no e pelo discurso a partir de práticas sociais historicamente situadas.

O modo como os sujeitos se representam e representam o outro, ao passo em que criam identidades para as coisas do mundo, torna-se um dado revelador de como o discurso relaciona-se aos fenômenos sociais de uma maneira ampla e ao processamento cognitivo que lhe é inerente, fazendo emergir dele respostas para muitas das perguntas que fazemos a nós mesmos, na tentativa de nos compreender e na tentativa de compreender o mundo em que estamos inseridos e do qual fazemos parte.

Deste modo, reafirmamos a validade de pesquisas que tratem da interface epistemológica estabelecida entre a tríade discurso, sociedade e cognição, na investigação de eventos de linguagem cotidianos, principalmente os que são propagados na contemporaneidade pelos meios de comunicação de massa difundidos no mundo virtual, nas múltiplas esferas da atividade humana.

## Referências

ABRIC, J. C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF, 1994.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 187-203.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 13 ed.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 173-186.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org). *Les représentations sociales*. 2. ed. Paris: PUF, 1991.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. *Sobre representações sociais*. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

IRINEU, Lucineudo Machado. Discurso, sociedade e cognição: notas sobre representações sociais. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 155-173, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Ariel, 2003.

Recebido em outubro de 2013.  
Aceito em novembro de 2013.